«A República dos Corvos»,

de José Cardoso Pires

De Esopo a La Fontaine, de Lewis Carrol a Aquilino, sempre falaram, como realmente, para quem ouve, falam, os animais. Ouve-os, claro, Cardoso Pires, que disso faz, nesta sua **República dos Corvos,** crónica. República em sentido extenso, corporativa a II, e organicamente **democrática,** democrática, de facto, pelo menos tendencialmente, esta III. Nenhuma desmerecedora de crónica. Ela aqui vai, escorrendo o sangue negro e brilhante do corvo, de asa de corvo quando voa, quando bica, quando perora, quando está. No emblema citadino, à proa e à popa do esquife do santo. E parlamentando, de casaca, sobre o empedrado da cidade.

A República dos Corvos é, sem dúvida, cousa de muito engenho e de inúmeras malícias. Engenho e malícias apontados onde os apontaram tantos outros frutos da genealógica árvore destas técnicas de dizer, e de pôr por escrito (de Fernão Mendes a Ramalho), ao cachaço da estupidez, do autoritarismo, do senhoritismo, do provincianismo, primeiro atlantista, depois, europeista. E por aí dentro. Crónica de costumes. Os que foram. E os que ainda não deixaram de ser. Os estruturais. E os circunstanciais. Crónica de gigantões de pasta de cartão. Crónica de corvos e de muitas e desvairadas alimárias.

Livro forte e portuguesíssimo, livro que vem por aí fora no sopro de uma tradição vicentina, francisco-manuelina, fialhesca, lição de escrever e de dizer, de zurzir e de expor, de água-vai nas ventas de tanta doutorice, de tanta pateguice, de tanta cretinice patrioteira, **A República dos Corvos** é, caramba!, uma das leituras mais higiénicas, mais salutares, mais atestadoras da nossa capacidade de rir forte, alto, corajoso e eficaz, que estão aí nos escaparates. Questionando lisboetices e portuguesices, politicarias e outras altas cavalarias, memórias sinistras de salazarices paleolíticas e futuros de plástico bruxelense. Em estilo de crónica meio jornalística meio jornadeada por livros-chave. Obra de cultíssima cacetada. Afeita à saúde do popular, na sua mais nobre e genuína acepção. Sendo cousa muito, mas muito, mais séria do que apetecerá a alguns novos senhores da nossa Barataria, nos quais esta **República dos Corvos** malha forte, e bonito! Supondo, os parvos, talvez, que não. Que ficam de fora deste livro. E, no entanto, é dentro das suas páginas alegre e recuperadora e ferozmente dentadas que têm, presa, a pata!

Para José Cardoso Pires, orelhas, rabo, e saída em ombros!

Desenho do ante-rosto: Joana Pires Tavares. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988. 219 páginas. 1.200$00.